

# GÊNERO CHARGE COMO INSTRUMENTO DE DESENVOLVIMENTO DO LETRAMENTO CRÍTICO

Natália Luczkiewicz da Silva

*Graduanda em Letras/Português na Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL).*

*E-mail: natalia2luczkiewicz@gmail.com*

Mirelly Simpício de Souza

*Graduanda em Letras/Português na Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL).*

*E-mail: mirelly2014ms@hotmail.com*

Maria Margarete de Paiva Silva

*Doutoranda em Linguística na Universidade Estadual de Maringá (UEM).*

*E-mail: margarete\_paiva@hotmail.com*

**RESUMO:** Os textos multimodais, como a charge, utilizam a linguagem verbal e a não verbal, exigindo dos leitores uma leitura mais aprofundada, para o entendimento do texto. Nesse gênero textual, o chargista, de forma crítica e, por vezes, humorística, posiciona-se sobre temas de interesse público, utilizando um discurso persuasivo. No presente trabalho temos como objetivo analisar a charge enquanto instrumento facilitador de desenvolvimento do letramento crítico, a partir da temática da violência contra a mulher. Nossa hipótese é de que a reflexão sobre

**ABSTRACT:** Multimodal texts, such as the cartoon, use both verbal and the non-verbal language, requiring readers to read more thoroughly in order to understand the text. In this textual genre, the cartoonist, in a critical and sometimes humorous way, positions himself on topics of public interest, using a persuasive speech. In the present work, we aim to analyze the cartoon as an instrument that facilitates the development of critical literacy, based on the theme of violence against women. Our hypothesis is that the reflection on the languages used, as well as the

as linguagens utilizadas, bem como a observação do texto e as inferências advindas do conhecimento de mundo podem evidenciar, nas charges analisadas, a violência sofrida por muitas mulheres, principalmente, no momento atual de isolamento devido à pandemia da COVID-19, possibilitando semelhante trabalho em sala de aula, a fim de favorecer o desenvolvimento do letramento crítico dos alunos e influenciar a sua postura humanitária dentro e fora da sala de aula. A pesquisa é bibliográfica, tendo como aporte teórico autores como Kleiman (2010), Pedrosa (2018), Marcuschi (2008), Saffioti (1987) entre outros. O corpus da pesquisa é composto por duas amostras do gênero proposto, sobre a referida temática, as quais analisaremos, utilizando a abordagem qualitativa, buscando no contexto conhecimentos que auxiliem a construção do significado do texto. Os resultados mostraram que o gênero charge é um importante instrumento para a formação de leitores críticos, levando a reflexões que podem auxiliar o aluno nos conhecimentos escolares e, sobretudo, sociais.

**PALAVRAS-CHAVE:** letramento crítico; gênero charge; violência contra a mulher.

as the observation of the text and the inferences arising from the knowledge of the world may show, in the cartoons analyzed, the violence suffered by many women, especially in the current moment of isolation due to the pandemic. of COVID-19, enabling similar work in the classroom, in order to favor the development of students' critical literacy and influence their humanitarian stance inside and outside the classroom. The research is bibliographic, having as theoretical contribution authors such as Kleiman (2010), Pedrosa (2018), Marcuschi (2008), Saffioti (1987) among others. The research corpus consists of two samples of the proposed genre, on the referred theme, which we will analyze, using the qualitative approach, searching in the context for knowledge that helps to construct the meaning of the text. The results showed that the charge genre is an important tool for the formation of critical readers, leading to reflections that can help the student in school and, above all, social knowledge.

**KEYWORDS:** critical literacy; genre cartoon; violence against women.

## **INTRODUÇÃO**

O conceito de letramento vem sendo alvo de muitas discussões, na atualidade, suscitando várias reflexões, entre elas, a de que há variados letramentos e que eles não são restritos à escola, mas ocorrem em todas as esferas sociais. Nesse sentido, a instituição de ensino precisa determinar a perspectiva de letramento que adota, para direcionar as práticas pedagógicas.

Desconsiderar a bagagem que o aluno possui quando chega à escola é o maior erro no processo de letramento. Um trabalho que pense nas práticas sociais do indivíduo participante do processo educacional, aproxima-o da aprendizagem significativa e desenvolve o seu senso crítico. Pensando nisso, destacamos os gêneros textuais, como elementos não só fundamentais, mas indispensáveis nesse percurso.

Esse trabalho tem como objeto de estudo a charge, por ser um gênero que os alunos costumam ter contato, principalmente nas mídias digitais, nos livros didáticos e em outras tecnologias da educação. É um tipo de texto que traz o humor como recurso para a crítica social, mas nem sempre esse humor é risível; ele pode ser sério e denunciar situações absurdas que ocorrem na sociedade.

Nesse contexto, escolhemos duas charges sobre a temática “A violência contra a mulher”; nelas, analisamos como esse problema é explorado, demonstrando a importância de se trabalhar com esse gênero e com temáticas problematizadoras, na sala de aula, em busca de desenvolver o letramento crítico dos estudantes nas diversas situações cotidianas.

Esse trabalho se justifica pela necessidade de mostrar que temas reais e problematizadores fazem parte do dia a dia dos alunos e podem ser trabalhados em sala de aula; essas leituras porém, exigem do professor habilidade e desprendimento de suas convicções, para proporcionar a interação do aluno e a exposição de seus pensamentos, ensinando, naturalmente, a respeitar o posicionamento do outro. Esse diálogo com o texto e com o outro pode levar o aluno ao desenvolvimento crítico e ao entendimento do que está acontecendo ao seu redor.

Além de trabalhar com questões escolares, como desenvolvimento da habilidade de leitura para a compreensão textual, é necessário destacar que a leitura da charge envolve duas modalidades, a verbal e a não verbal, para as quais os conhecimentos devem ser ativados, relacionando essas duas a favor da compreensão dos sentidos.

Nessa pesquisa, tomamos como norte, a seguinte problemática: o ensino a partir do gênero charge favorece o desenvolvimento do letramento crítico?

Em busca de responder esse questionamento, nosso objetivo é analisar a charge enquanto instrumento facilitador de desenvolvimento do letramento crítico. Para isso, realizamos a análise de duas charges sobre a temática “A violência contra a mulher”, para mostrar o quanto o estudo de charges favorece o desenvolvimento do letramento crítico.

A pesquisa é de cunho bibliográfico e qualitativo. Foi realizada, dessa maneira, a partir de leituras da fortuna crítica e análise das charges, considerando seus elementos verbais e não verbais. Como aporte teórico, utilizamos autores como Kleiman (2010), Pedrosa (2018), Marcuschi (2008), Saffioti (1987) entre outros.

Temos como hipótese que a relação dos elementos verbais e não verbais, presentes nesse tipo de texto, e a análise dos implícitos e explícitos podem direcionar o olhar mais apurado do leitor em relação a diversos textos e situações sociais. Contudo, para o trabalho em sala de aula, é importante escolher temas de conhecimento amplo, para que os alunos possam ativar seus conhecimentos prévios, em busca da construção dos sentidos do texto.

O trabalho está organizado em três seções. Na primeira seção, abordamos a temática dos letramentos críticos dentro e fora do ambiente escolar; na segunda seção, discutimos sobre a formação do aluno leitor e como o gênero charge pode ser articulado nesse processo; a terceira seção, dividimos em duas subseções, nas quais falamos, brevemente, sobre o tema das charges e a sua repercussão, destacamos a nossa metodologia, expomos e analisamos o corpus. Por fim, seguimos com as nossas conclusões em relação à pesquisa.

## **1. O LETRAMENTO CRÍTICO DENTRO E FORA DA ESCOLA**

O conceito de letramento tem redirecionado as práticas de ensino de leitura e escrita na sala de aula. Esse conceito é tradicionalmente comparado ao conceito de alfabetização, seja com o sentido de completude ou dicotomia. Ambos os sentidos são diferenciados, entretanto, um não anula a importância do outro.

A alfabetização está direcionada ao saber ler e escrever, conhecer as letras, sílabas, palavras, frases e, por fim, os textos. Esse processo de codificação e decodificação é de fundamental importância para a aprendizagem dos alunos.

O letramento não se restringe ao ambiente escolar, acontece dentro e fora da escola e continuamente, pois é um processo construído socialmente nas atividades do dia a dia, portanto é muito mais amplo que a alfabetização. Assim sendo, não basta apenas conhecer as palavras, mas também saber reconhecer os sentidos que elas têm nos variados contextos.

Como observamos, ambos os termos possuem destinações diferenciadas, mas, nem por isso, um anula a importância do outro. Parafraseando as palavras de Pedrosa (2018), destacamos que os sentidos desses conceitos são distintos, mas os dois fazem parte da linguagem, sobretudo, na leitura e produção de textos, cada um com seu enfoque.

Nesse estudo destacamos a relevância do letramento como prática escolar e social, que favorece o desenvolvimento crítico dos estudantes. As práticas culturais e identitárias dos alunos devem ser consideradas no processo de letramento, nesse sentido, a escola deve ressignificar esses conhecimentos para que ocorra uma aprendizagem significativa, interativa, engajadora e inclusiva. Kleiman (2010) destaca que o letramento é um processo que vai além da escola, é uma prática social.

*As práticas escolares de aprendizagem e uso da língua escrita, ainda que “estritamente escolares”, são também práticas sociais (...) recontextualizam as práticas com as quais os alunos convivem fora da escola, tornando-as mais significativas para eles. (...) é viável trazer os conteúdos considerados relevantes e analisá-los junto com os alunos - construção do conhecimento sobre a língua, a partir da prática social.*  
Kleiman (2010: 380-381).

Como visto acima, a autora enfatiza que a escola deve considerar os elementos culturais, sociais, econômicos e históricos do seu público, em busca de dar a oportunidade de ler e escrever a esses alunos, considerando as suas necessidades. Kleiman ainda enfatiza que ler e escrever, não se tratam apenas de aprender o alfabeto da língua, mas o funcionamento da língua, em situações concretas de uso, discutindo questões relevantes para o convívio social, como é o caso da violência contra a mulher.

Quando falamos em letramento, devemos pensar que esse processo não ocorre de uma forma preestabelecida e nem somente de uma única forma. Cada pessoa possui uma realidade, um contexto social, político, religioso e cultural que não devem ser desconsiderados, porque irão interferir na construção do conhecimento e na leitura das coisas e do mundo.

É preciso, ainda, considerar que nem todos os alunos têm a possibilidade de ter contato com a leitura e a escrita em casa, como é o caso de crianças com pais analfabetos. Mesmo assim, essas crianças estão envolvidas com práticas de letramento, não o letramento didatizado, no qual elas entram contato efetivo na escola, mas um letramento de mundo, que as fazem conhecer gêneros discursivos que circulam no seu convívio social.



Atualmente, a escola tem tentado articular o conteúdo escolar às práticas de letramento social, por meio de projetos que relacionam a cultura dos alunos às diversas disciplinas escolares, como História, Geografia, Matemática, Língua Portuguesa e outras. Esses projetos ocorrem com a participação ativa dos alunos e as atividades subsequentes são planejadas de acordo com os resultados obtidos e o engajamento desses discentes.

Retomando à ideia de letramento, destacamos que o termo foi primeiramente utilizado, no Brasil, por Kato (1986), segundo Soares (1998, p. 39), que buscou na palavra inglesa *literacy*, uma forma de denominar “o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e de escrita”. Desde então, novas nomenclaturas e concepções surgiram, de acordo com a autora, procurando adequação ao contexto das mudanças sociais.

Nesse sentido, temos letramentos, no plural, estabelecendo as várias maneiras que o letramento pode acontecer; multiletramentos, ou “*formas múltiplas de letramento associadas a canais ou modos, como o letramento do computador, o letramento visual*”, conforme Street (2012: 73); letramentos locais, ou “*práticas de letramento vernáculos, não institucionalizadas, menos prestigiosas*” (cf. BARTON; HAMILTON, 2000 *apud* KLEIMAN, 2010: 388), que condizem com a situação das pessoas em estado de vulnerabilidade.

Os letramentos digitais, que, segundo Marcuschi (2005), são práticas advindas do grande avanço tecnológico e das tecnologias de escrita, com novos usos linguísticos a partir dos textos; e, com destaque neste trabalho, os letramentos multimodais, também, relacionados ao ambiente tecnológico, mas não exclusivamente a ele - são letramentos que partem de gêneros textuais que articulam mais de uma modalidade da língua.

Vieira e Silva (2017) refletem sobre o posicionamento de Barton e Lee (2015) em relação aos letramentos multimodais, mostrando que o termo multiletramentos refere-se aos diversos modos de comunicação que auxiliam na construção de sentido; assim, juntamente à escrita e à fala, eles colocam outras formas de comunicação presentes no nosso cotidiano, textos que articulam as linguagens verbal e visual, a exemplo de imagens, gestos, fotografias.

Com base nessas considerações, analisamos neste trabalho o gênero textual charge (texto multimodal), tratando sobre a violência contra a mulher, por ser um tema muito conhecido e discutido socialmente, o que pode oportunizar, em sala de aula, um trabalho para que o aluno desenvolva a competência leitora e, conseqüentemente, o letramento, interagindo, se apropriando do conhecimento e ampliando a capacidade crítica, como veremos na seqüência.

## 2. A FORMAÇÃO DO ALUNO LEITOR: O GÊNERO CHARGE EM SALA DE AULA

A maior preocupação dos professores, sobretudo os de Língua Portuguesa, é planejar metodologias que auxiliem na aprendizagem de leitura e escrita dos alunos, considerando as diversas situações sociais advindas desse público. Nessa busca, o ensino de leitura e escrita através dos gêneros textuais vem se destacando, desde a década de 90, mas passou a ser legitimado somente a partir da perspectiva sociointeracionista de ensino, proposta nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS) (BRASIL, 1998), documento reforçado, posteriormente, com a publicação da Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2019), que vem sendo atualizada diversas vezes nos últimos anos.

Muitos pesquisadores começaram a realizar estudos sobre os gêneros textuais e a sua aplicabilidade em sala de aula, entre os quais destacamos os estudos de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) que propõem um modelo de sequência didática para o ensino de gêneros orais e/ou escritos, enfocando na aprendizagem e desenvolvimento de leitura, escrita e produção textual.

No Brasil, um dos grandes pesquisadores da Linguística Textual é Marcuschi, com diversos trabalhos publicados na perspectiva do ensino, a exemplo do livro “Produção textual, análise de gêneros e compreensão” (2008), texto didático para a compreensão do papel dos textos e a sua relação com as situações reais de uso, que se apresentam como formas de ação social, que variam de grupo para grupo.

Os gêneros são atividades discursivas socialmente estabilizadas que podem ser utilizadas para o controle social mais variado e, até mesmo, para o exercício de poder. Podemos, pois, dizer que são a nossa forma de inserção, ação e controle social no dia a dia, nossa forma de estar no mundo.

*Considerando os gêneros como formas de inserção e participação social, evidenciamos a importância do ensino de leitura e escrita a partir de atividades com essas ferramentas, pois possibilitam um letramento centrado nas situações conhecidas e vivenciadas pelos alunos.*

*Marcuschi (2008: 161).*

A escolha dos textos para o trabalho com os alunos requer muito cuidado; inicialmente, os alunos devem conhecer as tipologias mais simples e, aos poucos, o professor poderá introduzir outras mais complexas. Nesse trabalho, escolhemos como objeto de análise a charge, por considerar um gênero

bastante crítico, que mescla elementos verbais e não verbais em busca da construção do sentido.

A leitura desse gênero textual pressupõe o reconhecimento do que está dito no texto, relacionando as várias possibilidades de compreensão e apontando a mais contundente. Outro aspecto relevante, é que o desenvolvimento da criticidade exige a intertextualidade com outros textos argumentativos, para que haja interação nas práticas discursivas (LIMA, 2014).

*Considerando a escola um dos espaços privilegiados de práticas que envolvem a oralidade, a escrita e a linguagem multimodal, trabalhar com a charge (um gênero eminentemente visual, capaz de suscitar críticas e direcionar a outros textos argumentativos) [...] favorece o processo de instrumentalização linguística dos alunos para que eles interajam dialogicamente em práticas sociais.*

*Pereira (2015: 46).*

Ao adotar a charge para os processos de letramento, o professor estará direcionando o seu aluno para a prática de leitura, escrita e produção de novos textos, dialogando com as críticas expostas nos textos e elaborando argumentos que confirmem ou refutem as considerações refletidas na charge.

Um estudo como o nosso, cujo tema é a violência contra a mulher, por exemplo, pode levar o aluno a relacionar os conhecimentos que já possui sobre essa temática, reconhecer os sentidos suscitados no texto, tecer argumentações sobre essa crítica, refletir sobre o que está sendo criticado, de que forma e os elementos visuais que complementam o sentido ou são contrários ao que o texto verbal explora, qual foi a época em que o texto foi produzido, se essa visão ainda permanece e se o que está explícito nas falas dos personagens é realmente a mensagem final, entre outras questões.

Ao refletir sobre os pontos destacados acima, o aluno está realizando uma leitura crítica; ele lê, entende e é capaz de falar e argumentar sobre essa temática. Não podemos deixar de considerar que a charge é um gênero que, comumente, se utiliza do humor como recurso de crítica e, dessa forma, muitos alunos vão à busca apenas dos elementos risíveis, em vez de analisarem todos os elementos que compõem esse texto e observarem como esses elementos colaboram para o sentido total do texto.

Para que não ocorram equívocos de compreensão, o trabalho com a charge, em sala de aula, necessita de um bom direcionamento do professor, que deve ensinar o aluno a fazer uma leitura atenta das imagens, das cores, dos diálogos, do tamanho das letras e de outros recursos para, por fim,



relacionar esses aspectos ao conteúdo geral que está sendo focado no texto, haja vista que o aluno pode deter a atenção apenas às figuras de linguagem que causam o humor, quando, na verdade, a intenção do texto não é provocar o riso, mas levar esse leitor à reflexão e à criticidade sobre os fatos apresentados, como é o caso da violência contra a mulher.

### **3. A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER COMO TEMÁTICA DE CHARGES**

A violência contra as mulheres é uma manifestação que evidencia, fortemente, a desigualdade entre homens e mulheres. Embora seja difícil de rastrear a trajetória dessa violência contra o sexo feminino e a sua origem, sabemos que durante muito tempo, grande parte dessa violência foi aceita, tolerada e legalmente sancionada.

No século XIX, foi criada a Lei Romana que apoiava a violência contra esposas, castigando-as até a morte. Era permitido ao homem punir sua companheira, utilizando uma vara, forma de violência que permaneceu na Inglaterra e América até o século XX, o que mostra que a história da violência contra a mulher é histórica e revela uma sociedade machista e patriarcal que perdura até os dias atuais.

A mulher sempre foi representada como um sexo frágil, limitada aos afazeres do lar, uma propriedade a que os homens têm direito de usufruir da maneira que achar conveniente. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), não existe uma região, país e cultura que a liberdade das mulheres tenha sido assegurada de maneira total e eficiente (ONU, 2020).

De acordo com Guimarães e Pedroza (2015: 4) “*entendemos a violência como um fenômeno complexo e múltiplo. Pode ser compreendido a partir de fatores sociais, históricos, culturais e subjetivos, mas não deve ser limitado a nenhum deles*”. A violência contra as mulheres se encontra intimamente relacionada a fatores que interferem na vida social de todos os indivíduos - do agressor, do agredido e de todas as outras pessoas – pois, direta ou indiretamente, são obrigadas a expor seus posicionamentos, podendo motivar, ainda, mais violência.

É bem verdade, que, por medo, vergonha, falta de consciência, em vários momentos a violência é camuflada pela própria vítima, que é induzida a pensar que foi culpada por aquela atitude do seu companheiro em relação a ela. Sendo assim, a violência contra a mulher persiste. E, embora estejamos dando destaque à agressão do marido contra a esposa, não podemos deixar de evidenciar que isso ocorre de filho contra mãe, de irmão contra irmã, vizinho contra vizinha e entre outros.

A persistência da violência contra a mulher sempre foi um tema muito recorrente em nossa sociedade, mas o avanço da tecnologia tornou os casos

mais evidentes, a exemplo do caso da farmacêutica cearense Maria da Penha, que, tendo sido agredida várias vezes por seu companheiro e sofrido tentativa de homicídio, acabou ficando com paraplegia irreversível. O caso teve repercussão internacional e, a partir dele, foi criada, em 7 de agosto de 2006, a Lei n. 11.340, Lei Maria da Penha tem como objetivo amparar as várias mulheres que sofrem algum tipo de violência. Entretanto, pelos motivos já elencados, a lei não tem a eficácia desejada (ONU, 2020).

Acrescentamos, ainda, que há relatos de muitas vítimas dizendo que não tiveram o apoio necessário ou que não se sentiram totalmente seguras para realizar a denúncia, para que o agressor, de fato, fosse punido por seu ato. Podemos afirmar que, se a violência persiste, a lei que deveria cumprir com a sua função de proteger as mulheres dos agressores que a cercam é ineficiente.

A luta contra esse tipo de violência tem passado por várias fases e o destaque da mídia é grande, impulsionado pelo grande movimento das mulheres, em 1980, em frente ao teatro municipal de São Paulo, com o intuito de protestar o alarmante número de casos registrados de violência contra a mulher. Em 2020, o movimento completa 40 anos de luta, exatamente no mesmo ano em que fomos surpreendidos por uma pandemia que mudou drasticamente a vida da população em nível mundial.

Em março de 2020, começamos a viver de maneira nunca imaginada, enfrentando uma pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2, desconhecido por profissionais da área da saúde. A COVID-19, doença causada por esse vírus, é extremamente contagiosa e já matou milhões de pessoas no mundo e, o isolamento social exigido para evitar a contaminação entre as pessoas, tem evidenciado um alarmante número de vítimas de violência contra a mulher.

*A **violência doméstica** entre os meses de março e abril de 2020, durante a **pandemia** do novo **coronavírus**, foi constatado que os casos de **feminicídio** no país aumentaram em 5% em relação a igual período de 2019. Somente nos dois meses, 195 mulheres foram assassinadas, enquanto em março e abril de 2019, foram 186 mortes. Entre os 20 estados brasileiros que liberaram dados das secretarias de segurança pública, nove registraram juntos um aumento de 54%, outros nove tiveram queda de 34%, e dois mantiveram o mesmo índice.*

*Ibrahim e Borges (2020: 1, grifos da autora).*

Sabemos que o isolamento social tem afetado o psicológico das pessoas; muitas pessoas perderam o emprego, estão enfrentando problemas

financeiros, impossibilitando arcar com os compromissos e ocasionando um alto consumo de álcool, depressão, aumento do número de suicídios, aparecimento de várias doenças de fundo emocional e, como podemos observar, nos dados apresentados na mídia, um alto índice de feminicídio, demonstrando a extensão dessa triste realidade no Brasil.

Notamos a diferença alarmante entre 2019 e 2020 em relação ao aumento do número de mortes. Houve, também, em alguns estados, uma diminuição do acesso aos serviços de apoio às vítimas, como segurança pública e assistência social, fato que pode estar relacionado à ausência de denúncias, pois os agressores estavam trancados em casa com a vítima, impossibilitando-as de pedir ajuda dos familiares e vizinhos. O convívio maior entre agressor e vítima aumentou, ainda mais, a vulnerabilidade para a mulher, muitas vezes, submetida a cárcere privado e tortura, nesse período de isolamento social.

A violência contra a mulher, temática tratada nesse trabalho, muitas vezes, é apenas associada à agressão física, que deixam marcas visíveis na vítima; porém existem outros tipos de violência que atingem milhares de brasileiras. Ela pode ser compreendida como qualquer ação ou conduta que inflija danos físico, sexual ou psicológico à mulher. Pode ser manifestada de várias formas e em diferentes graus.

A Lei Maria da Penha classifica os tipos de abuso contra a mulher nas seguintes condutas: violência patrimonial – subtração ou destruição, parcial ou total, de objetos; violência sexual – constrangimento a presenciar, a manter ou a participar da relação sexual não desejada; a violência física – ofensa à integridade ou à saúde corporal da mulher; violência psicológica – dano emocional ou diminuição da autoestima, prejudicando o pleno desenvolvimento da mulher; e violência moral – calúnia, difamação ou injúria (ONU, 2020).

A realidade atual é exposta, de forma explícita, por chargistas, que, na maioria das vezes, de maneira humorística, procuram denunciar, através das imagens, temas polêmicos e muito incidentes. Na maioria das vezes, abordam assuntos com a esperança de, ironicamente, despertar na mente do leitor um pensamento crítico em relação à abordagem apresentada.

Através de sua arte, delineada em traços e cores, esses chargistas conseguem expressar a realidade de forma clara e objetiva, capaz de causar inquietação no leitor. Entretanto aquilo que não escapa aos olhos do leitor não é garantia de mudança de comportamento, em relação a si e ao outro, é necessário que a lei seja cumprida, que a mulher receba o apoio merecido,

que ela seja respeitada acima de tudo, como mulher e como ser humano, e que, em sala de aula, o professor provoque o aluno à análise e discussão de textos com temáticas importantes, como é o caso das análises das charges sobre a violência contra a mulher, apresentadas na próxima seção.

### 3.1 Metodologia

Nesta pesquisa, inicialmente, adotamos como metodologia a pesquisa bibliográfica, baseada em artigos e livros de autores que abordam o gênero charge, o letramento e a violência contra a mulher, pois essas fontes já são reconhecidamente do domínio científico (OLIVEIRA, 2007).

Para a constituição do *corpus* da pesquisa, selecionamos, no site Tribuna do Norte e no *Blog Vava da Luz*, duas charges, que estão relacionadas à violência doméstica enfrentada por milhares de mulheres no mundo inteiro. No Brasil, entretanto, essa realidade é veiculada todos os dias nos meios de comunicação, apresentando índices muito altos, provavelmente pela condição social e cultural das famílias.

Para a análise dos dados, realizamos uma abordagem qualitativa, por ela se mostrar mais colaborativa para atingir os objetivos traçados. Essa abordagem busca analisar e interpretar aspectos mais profundos, fornecendo análises mais detalhadas sobre as investigações (MARCONE; LAKATOS, 2010). Assim sendo, pode contribuir para a interpretação do objeto de estudo, levando em consideração a importância desses elementos para a interpretação dos leitores de charge.

### 3.2. Análise do *corpus*



**Figura 1:** imagem de uma mulher sofrendo violência física.  
Fonte: Tribuna do Norte, charge de Brum (2020).

A charge apresenta linguagem não verbal e linguagem verbal: duas figuras, com imagens semelhantes, entretanto com falas distintas. A imagem é de uma mulher, com o olho machucado e a blusa suja de sangue. Em sua direção, temos o braço forte, musculoso, provavelmente de um homem, com a mão cerrada. Os traços ondulados em volta da mão denotam que ela está se movimentando em direção ao rosto da mulher agredida. Notamos que a charge apresenta um dos tipos de violência que mais ocorre contra as mulheres (a violência doméstica).

Saffioti (1987) compara a violência doméstica a uma prisão pautada na justificativa do gênero, no qual determina que o homem pode agredir e a mulher deve suportar; a linguagem verbal, nessa charge, caracteriza, de forma clara, a justificativa do agressor para o seu ato e a contribuição da vítima para tal fato.

Do mesmo modo, percebemos que os advérbios de tempo “ontem” e “hoje”, demarcam uma manifestação que acontece sempre; essa mulher apanhava e continua apanhando do seu companheiro, que a deixa extremamente machucada. Esses advérbios marcam, de forma explícita, uma sequência temporal que pode ser observada, além de deixar implícito nas entrelinhas do texto outro advérbio – amanhã, para que o leitor perceba que existe uma violência que ocorre diariamente. O “ontem” está relacionado a “a culpa é sua”, revelando um discurso de agressores e machistas, os quais procuram sempre um culpado para a ação de violência. Na maioria dos casos de violência doméstica, a vítima é sempre caracterizada como a culpada pelo agressor, sob a alegação de que foi ela quem provocou, insultou e não ficou calada. O chargista, por meio desse texto multimodal, revela que o homem, na maioria das vezes, não se considera culpado por agredir a sua companheira e faz, ainda, com que a vítima se sinta coagida, com medo de denunciar a agressão sofrida. A charge representa uma realidade nítida do discurso do agressor e da maneira como a vítima se sente. O “hoje” está relacionado a “a culpa é do isolamento social”, pois, diante do cenário de isolamento social que estamos enfrentando, devido à COVID 19, foi perceptível o aumento de números de agressões domésticas. Se “ontem” (lado direito da charge) a culpa era da vítima, “hoje”, agora (do lado esquerdo da imagem), a culpa é do isolamento social, o que significa

dizer que o discurso do agressor sempre está voltado para os fatores externos, não tomando para si a culpa de sua atitude agressiva.



O chargista destaca a cor vermelha para representar o sangue. A vítima se encontra de cabeça baixa, expressando a opressão que ela está enfrentando, como se estivesse com vergonha do que está acontecendo. É nítido que essa mulher da charge sofre psicologicamente e, com certeza, tem problemas de baixa autoestima, depressão e ansiedade. Desse modo, essa imagem representa todas as mulheres que são espancadas, não só durante a pandemia, mas, às vezes, por uma vida inteira.

É necessário, portanto, que tenhamos um conhecimento de mundo para uma melhor interpretação da leitura dessa charge. Só haverá uma leitura crítica se os alunos conseguirem entender a representação dessa charge e conhecer um pouco sobre a luta que as mulheres vêm enfrentando em busca dos seus direitos. Nessa perspectiva, é importante destacar que, para a realização da interpretação da charge, o aluno não precisa ter o conhecimento dessa luta de forma ampla, esse conhecimento pode ser construído, a partir das discussões provocadas pelas charges.



**Figura 2:** imagem de uma mulher agredida saindo da delegacia.

Nessa charge, observamos que a linguagem verbal e a linguagem não verbal se estreitam para mostrar uma crítica ao que geralmente ocorre, no Brasil, quando muitas mulheres vão à delegacia denunciar alguma violência.

Há duas mulheres. Uma, que parece ser uma policial, veste blusa preta com logotipo no peito, calça comprida azul, sapato branco, possivelmente

uma farda. Usa cinturão escuro, arma na cintura, de óculos, relógio no pulso esquerdo, cabelos loiros que estão presos em um rabo de cavalo.

A outra, de vestido verde (a alça fora do lugar), chinelo de dedo, cabelo solto, braço enfaixado, testa com curativo, rosto ferido – como quem foi agredida. Ela desce as escadas da delegacia, com dificuldade e com um Boletim de Ocorrência (B.O.) na mão. A policial dá dois tapinhas no ombro da mulher agredida e fala: “liga não, minha filha, isso é normal”; a charge é uma verdadeira acusação de como uma mulher é recebida no local em que as pessoas deveriam apoiá-la. A delegacia deveria ser o lugar onde a vítima se sentisse segura e protegida do agressor.

Outra denúncia dessa charge refere-se à classe social e à cor da pele da mulher agredida; notemos que a mulher é negra e que os trajés simples demonstram uma classe social menos abastada. É claro que se ela tivesse outra cor de pele e classe social não seria passível de ser agredida, no entanto, o tratamento recebido da policial seria outro. Supõe-se o espanto e a dor da mulher agredida, a partir do momento em que ela escuta o que a policial falou. Uma mulher que foi vítima de agressão ouvir praticamente um incentivo a normalizar a violência sofrida, a esquecer o que aconteceu. É notória a falta de apoio e a discriminação que surge a partir das próprias mulheres, haja vista a cultura a que estão expostas, de que as mulheres foram feitas para aceitar tudo o que seu parceiro propuser, de que devem ser subservientes, submissas. Essa charge demonstra que o machismo não vem só dos homens, mas que muitas mulheres também possuem discursos e atitudes machistas. O chargista mostra claramente que só fazer a denúncia não é garantia de que a vítima esteja segura, pois, ainda assim, está correndo risco de ser agredida novamente e chegar até a morte. Desse modo, podemos fazer duas observações sobre as palavras da policial: Se a policial se refere à vítima como minha filha, significa que ela é íntima da mulher agredida, pois muitas pessoas utilizam o termo “minha filha”, quando querem expressar um sentimento de aproximação. Isso nos faz analisar que comportamento da policial é uma tentativa de proporcionar certo contentamento, em que a vítima deve se conformar e continuar sendo violentada pelo seu companheiro. O “isso é normal” representa um pensamento de milhões de pessoas, tanto mulheres como homens, de acharem que ser agredida e violentada é algo banal. A policial deixa transparecer o mesmo pensamento que familiares, amigos e até desconhecidos têm: é “normal”, “vai passar”, “vai mudar”, quando, na verdade, o natural, deveria ser o respeito, não por ser mulher, mas por ser humana, como todos os outros. Nessa perspectiva, faz-se necessário refletir sobre o motivo de a policial afirmar que a mulher ser

violentada é algo normal. A história nos mostra que, desde os períodos remotos, as mulheres tinham de ser submissas aos homens, por serem eles os provedores da família, que trazem o sustento do lar. Mesmo solteira, na casa dos pais a mulher era obrigada a cozinhar, lavar e passar, pois era criada para ser dona de casa, muito distante da liberdade das mulheres empoderadas e independentes dos dias atuais.

Para Ibrahim e Borges (2020), a violência contra mulher é, portanto, estrutural no país e, tão histórica, que se reproduz de forma automática e natural. O preconceito está presente na forma de pensar e agir de muitas pessoas, ainda que estas não sejam capazes de perceber tal ação.

Quando a mulher saía da casa dos pais e casava, muitas vezes, passava a ser torturada e reprimida pelo marido. Ainda hoje, existem mulheres que utilizam o casamento como uma fuga da realidade em que vivem em suas casas. No Brasil, a submissão da mulher é cultural e essa educação é transmitida de geração a geração, quando a mãe tira os filhos homens das obrigações domésticas; eles podem jogar bolar, falar alto, desenvolvem a sexualidade cedo, enquanto as meninas devem cuidar da casa, falar baixo, ocultar seus desejos e sentar de pernas fechadas, por exemplo. Esses aspectos só reforçam o machismo estrutural com o qual convivemos; são resquícios de uma sociedade patriarcal e conservadora, que nos faz conviver com notícias revoltantes de violência contra as mulheres. Evoluímos muito nos últimos anos, porém ainda não é o suficiente; precisamos educar as próximas gerações, ensinando a liberdade financeira às mulheres, a autonomia doméstica aos homens e, sobretudo, o respeito a todos.

Assim sendo, ao trabalharmos em sala de aula, de forma crítica, gêneros textuais que abordam temáticas problematizadoras, atuais, como é o caso das charges aqui analisadas, estaremos favorecendo o desenvolvimento do senso crítico dos alunos e preparando-os para leituras escolares e leituras de mundo, além de contribuir para que se tornem pessoas melhores, tratando a todos com respeito e humanidade.

## **CONCLUSÃO**

Os estudos com os gêneros textuais proporcionam práticas de letramento que favorecem o desenvolvimento crítico dos alunos. Isso acontece em decorrência de os gêneros serem práticas sociais não apenas escolares, mas que, quando incluídos no processo de educação formal, oportunizam aos alunos a participação ativa nas atividades desenvolvidas em sala de aula, relacionando os conhecimentos que possuem aos conhecimentos científicos.

Nosso objetivo com essa pesquisa, dessa forma, foi analisar a charge enquanto instrumento facilitador de desenvolvimento do letramento crítico, sobre a temática “Violência contra a mulher”, demonstrando que o estudo de charges favorece o desenvolvimento do letramento crítico dos alunos e influencia a sua postura dentro e fora da sala de aula.

Para atingir nossos objetivos, mostramos a importância de se trabalhar com os gêneros textuais, mais especificamente a charge, no processo de letramento, escolhendo um assunto problematizador e atual, sobre o qual os alunos podem tecer suas críticas.

Mostramos que a charge é um gênero crítico, que relaciona o verbal e o não verbal em prol da construção dos sentidos do texto e, em sala de aula, poderá levar o aluno a refletir sobre os elementos implícitos e explícitos, construindo argumentos para ir ao/de encontro da posição que o texto direciona.

Analisamos duas charges que têm como temática a violência contra a mulher; nelas, o destaque vai para a violência física, porém, ambas destacam situações diferentes. A primeira charge é bastante atual, produzida no período de pandemia e mostra que o agressor sempre encontrará motivos para agredir a vítima e para se isentar da culpa, transmitindo-a para outrem. A segunda charge apresenta a imagem de uma mulher que se retira da delegacia, enquanto outra mulher (policial) apresenta um discurso de que aquilo era normal. A denúncia dessa charge está atrelada à normatização da violência contra a mulher, à ineficácia da justiça e, principalmente, ao machismo estrutural.

Diante disso, podemos inferir que as charges são textos multimodais que contêm criticidade, e são fundamentais para o processo de letramento das pessoas, pois favorece a reflexão, na medida em que mostra que o humor não é apenas um recurso risível, mas denunciativo e que os elementos explícitos, por si só, não representam o sentido total do texto. Além de ser necessário interpretar a linguagem verbal, é necessário relacioná-las às imagens, ao contexto social, político, econômico e ideológico.

Nossa hipótese foi comprovada, na medida em que pudemos relacionar os elementos verbais e não verbais, analisando os implícitos e explícitos para discutir a temática da violência contra a mulher de forma mais cuidada, relacionando a outros textos e às situações sociais.

Também, foi possível constatar que análises como as realizadas neste trabalho, em sala de aula, poderão surtir mais efeito, ativando mais facilmente os conhecimentos prévios dos alunos para a construção dos sentidos do texto, quando realizadas em gêneros textuais mais instigantes,

como a charge, escolhendo bem o tema, que deve ser de conhecimento amplo e atual, para que o aluno já saiba falar algo sobre, cabendo ao professor ampliar esse saber.

Sem mais delongas, concluímos que os profissionais da educação devem atentar para o letramento crítico dos estudantes, escolhendo textos que façam parte da sua prática diária e que tratem de assuntos sobre os quais os alunos possam inferir os seus conhecimentos, pois o letramento, não ocorre apenas na esfera escolar, mas no ambiente social, como um todo. Assim, o aluno desenvolve sua criticidade e seus conhecimentos, que podem ser utilizados em outras esferas, temas e contextos de uso.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular para todas as séries*. Brasília: CONSED/UNDIME, 2019.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 106 p.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. (Org.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. e org. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. (Coleção As Faces da Linguística Aplicada).

GUIMARÃES, M. C. & PEDROZA, R. L. S. Violência contra a mulher: problematizando definições teóricas. *SciELO*, 2015.

IBRAHIM, Francini Imene Dias; BORGES, Amanda Tavares. Violência doméstica em tempos de confinamento obrigatório: a epidemia dentro da pandemia. *Revista Jus Navigandi*, ISSN 1518-4862, Teresina, ano 25, n. 6298, 28 set. 2020. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/85555>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

KLEIMAN, Angela B. *Trajetórias de acesso ao mundo da escrita: relevância das práticas não escolares de letramento para o letramento escolar*. Perspectiva, Florianópolis. v. 28, n. 2, 375-400, jul./dez. 2010.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos da metodologia científica*. 7 ed. São Paulo: editora Atlas, 2010.



MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A; XAVIER, A. C. *Hipertexto e Gêneros Digitais: Novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

OLIVEIRA, M. M. *Como fazer pesquisa qualitativa*. Petrópolis, Vozes, 2007.

Organização das Nações Unidas. *Violência contra mulheres e meninas é pandemia das sombras*. [Publicação online]. 2020. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/violencia-contra-asmulheres-e-pandemia-global-diz-chefe-da-onu/>>. Acesso em 08 nov 2020.

PEDROSA, Maria Iolanda. *A formação do leitor através do trabalho com o gênero charge no ensino fundamental II*. Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores – Mestrado Profissional. Campina Grande – PB, 2018.

PEREIRA, Adriana dos Santos. *O redesenho de charges sobre a seca no nordeste: uma atividade de (re)leitura multimodal crítica em sala de aula*. Recorte da dissertação de mestrado. Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). 2015.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

STREET, B. V. Eventos de Letramento e Práticas de Letramento: Teoria e Prática nos Novos Estudos do Letramento. In: MAGALHÃES, I. (org.) *Discursos e Práticas de Letramento: pesquisa etnográfica e formação de professores*. Campinas: Mercado de Letras, 2012, p. 69-92.

VIEIRA, Mauricéia Silva de Paula; SILVA, Jeniffer Aparecida Pereira da. Tiras cômicas e charges: potencialidades para promover o letramento multimodal. *Revista Práticas da linguagem*. p. 195-211. 2017.

*Submetido em: 15/02/2021*

*Aceito em: 15/03/2021*